

Bang, Bang!

Vêm aí os Playboys!

S 21



Dia 5 de Dezembro, no âmbito das comemorações dos 10 anos da OHs.21, os Dead Combo vão pisar o palco do auditório da Caixa de Crédito Agrícola de Oliveira do Hospital. A poucos dias da visita, Tó Trips, um dos músicos que integra um dos mais relevantes projectos nacionais surgidos neste século, falou com Luís Antero para a Rádio Boa Nova. O S_21 fez a transcrição da entrevista.

Os Dead Combo foram capa do primeiro número do S_21, em Junho de 2006. Mesmo assim, peço-te que contes aos nossos ouvintes como surgiu o grupo.

Eh pá, os Dead Combo surgiram... lembrei-me de fazer umas gravações de guitarra sozinho, depois decidi mostrar essas gravações a algumas pessoas, entre elas o Henrique Amaro, que depois me convidou para gravar um tema para um disco de homenagem ao Carlos Paredes chamado *Movimentos Perpétuos* (os Dead Combo participam com o tema *Paredes Ambiente*) onde entram vários artistas... entretanto conheci o Pedro (Gonçalves, a outra metade da banda) num concerto do Howe Gelb, no final pedi-lhe boleia, pensava que ele tinha carro mas afinal não tinha e viemos os dois a pé e convidei-o para ele meter um contra-baixo e pronto, assim surgiram os Dead Combo.

Desde 2004, ano em que lançaram o vosso disco de estreia, *Vol.1*, que se têm afirmado como a mais estimulante banda da nova música portuguesa. Estão satisfeitos com o percurso? Era

isto que estavam à espera?

Sim! Quer dizer... quando formámos a coisa não estávamos à espera de nada. Isto é uma banda, ainda por cima instrumental, portanto, à partida, não passaria nas rádios... sei lá, não estávamos à espera que as pessoas viessem a gostar disto...

Sendo a vossa música transversal a todo o território nacional, porque impregnada de uma portugalidade muito própria, não será difícil adivinhar o quão acarinhados têm sido por esse país fora. Tem sido assim ou, por outro lado, encontram algumas dificuldades em passar o vosso som?

Não... quer dizer... nos sítios onde nós temos tocado as pessoas vão aparecendo... olha, uma vez, em Braga, apareceu uma senhora depois do concerto para nós assinarmos os discos dela, tinha 50 e tal anos, que nos disse que tinha sido ela que deu a conhecer a nossa música ao filho e que agora o filho também era fã. Ou seja, é uma música que atravessa várias idades. Temos sido muito bem recebidos nos sítios onde tocamos, as pessoas dão-nos os parabéns e isso é sinal que nós cumprimos a nossa promessa...

Se *Quando a Alma Não é Pequena* já era mais luminoso do que *Vol.1*, notamos em *Lusitânia Playboys* que essa luminosidade, se não aumentou, pelo menos manteve-se. Arrisco a dizer que é o mais world music de todos os vossos discos. Concordas?

Por acaso é a primeira vez que ouço essa frase (risos). Sim, a ideia que nós pusemos no disco é um bocado essa, de as pessoas apanharem o barco e embarcarem para todo o lado. Isto porque eu e o Pedro somos pessoas bastante ecléticas,

ouvimos de tudo, desde rock a world music, blues e música portuguesa, sei lá... somos uns gajos ecléticos, gostamos de música, ao fim e ao cabo... A nossa música é uma música popular, uma música de rua, com mais arranjos, e isso nota-se neste último disco. Um disco mais cheio, o mais colorido deles todos, e onde os convidados estão em maior número (King Kongo Powers e Howe Gelb, entre outros, participam em *Lusitânia Playboys*). Como nós somos só dois, as coisas muitas vezes tornam-se um pouco heréticas e é fixe ter outras abordagens de outras pessoas. E porque não aproveitar isso para uma gravação, já que ao vivo prefiro tocar só com o Pedro? É óbvio que às vezes temos convidados, mas nas gravações, porque não enriquecê-las com o conhecimento das pessoas que vêm de fora e que nós admiramos e gostamos? Ao fim e ao cabo é uma maneira de enriquecer o nosso trabalho.

É para continuar, a entrada em cena de outros músicos? A partir de *Lusitânia Playboys*, para onde pode ir o som Dead Combo?

Pá, não sei se no próximo disco vai haver convidados. Às vezes é bom recomeçar. Não sei como é que vai ser o próximo disco, mas dá-me ideia que se calhar vamos ser só nós os dois, não sei... é voltar atrás, mas de uma outra maneira... não te sei dizer como é que vai ser o nosso próximo disco...

Dia 05 de Dezembro teremos o prazer de vos ter por cá, no Auditório da Caixa de Crédito. O que é que o público oliveirense pode esperar de um concerto dos Dead Combo? *Western Fado* (termo que Tó Trips não gosta particular-

mente) com cravos e guitarras intemporais?

Sim... e há uma coisa que se passa ao vivo que não passa muito nos discos. Os discos são registos de uma certa altura e que cristalizam a música. Prefiro o *ao vivo* porque as coisas são muito mais eléctricas e muito mais energéticas. Posso-me desfazer todo ao vivo, é aí que eu aplico as minhas energias. Ao vivo, um gajo tem que dar tudo naquele tempo e naqueles temas e é isso que as pessoas podem esperar de nós. Normalmente, *damos sempre o litro* ao vivo. Acho que as pessoas vão gostar.

Em palco, vocês são Tó Trips e Pedro Gonçalves ou as personagens criadas para esses nomes?

Quer dizer... eu sou o Tó Trips e o Pedro é o Pedro Gonçalves, mas ao vivo encaramos duas personagens, o Gato Pingado (Tó) e o Mafioso (Pedro), que têm tudo a ver com o mundo Dead Combo...

Antes do concerto vão ser exibidos os *Pocket Movies* do Paulo Abreu, nosso e vosso amigo. Como diz o Sérgio Godinho, isto anda tudo ligado, não é? Uns gajos vêm de Lisboa tocar ao interior, chegam cá e levam com os vídeos de um gajo de Lisboa, que filma no interior...

(gargalhada) Acho saudável. Acho super saudável as coisas não terem um centro, não ser só Lisboa ou Porto... essa história da regionalização faz todo o sentido, ainda por cima a minha família é do interior e há sempre aquelas histórias de terem que vir a Lisboa para tratar disto ou daquilo... Acho saudável isso acontecer aí. É um país, né? Aliás, sou casado com uma mulher que é do interior, de Viseu...

Luís Antero/Rádio Boa Nova



agir arte 11

2008 | Dezembro |

Festival de Artes Plásticas de Oliveira do Hospital

6 > 30 |

MC
MINISTÉRIO DA CULTURA
Comissão Regional de Cultura do Centro

Oliveira do Hospital

OH
XXI

A partir do próximo Sábado, a OHs.21 inicia um vasto conjunto de eventos que, ao longo dos próximos dois meses, constituirão a marca mais forte das comemorações da primeira década de actividade da associação. Eis o menu das actividades.

29/11/2008, 16h00 – Cine'Eco 2008 (Auditório da Caixa de Crédito)

Exibição dos filmes premiados na edição de 2008 do Cine'Eco – Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente da Serra da Estrela.

05/12/2008, 21h30 – *Pocket Movies & No Budget Productions* (Auditório da Caixa de Crédito)

Exibição dos «filmes de bolso» de Paulo Abreu, que estiveram agendados para a OH! Kurtas, 2ª Mostra de Curtas Metragens de Oliveira do Hospital - curtas-metragens e vídeo clips, num total de 33 minutos.

05/12/2008, 22h00 – Dead Combo (Auditório da Caixa de Crédito)

Com quatro discos editados, os Os Dead Combo são a mais estimulante dupla da música portuguesa actual, oscilando o seu som entre o fado e as bandas sonoras para westerns marados, transmitindo uma sensação de portugalidade sem par.

06/12/2008 – Agirarte (de Aldeia das Dez a Seixo da Beira)

17h00 (Casa da Cultura César Oliveira) - Sessão de abertura da 11ª edição do Agirarte com o anúncio da obra vencedora do Prémio Município de Oliveira do Hospital. De 10 a 31 de Janeiro de 2009 decorrerá a extensão de Tábua, na Biblioteca Municipal João Brandão.

18h30 (Livraria Apolo) – Inauguração da exposição de fotografia de Cláudio Ribeiro.

06/12/2008, 20h00 – Jantar do 10.º Aniversário da OHs.21 (Hotel S. Paulo)

Jantar anual para os sócios e amigos da OHs.21, aberto à comunidade, para comemoração da primeira década da associação.

06/12/2008, 22h00 – Apresentação do site www.ohs21.org (Hotel S. Paulo)

Plataforma multimédia que pretende dar a conhecer em pormenor a OHs.21, bem como servir de veículo de comunicação entre a associação e o mundo...

Janeiro 2009, dia e hora a divulgar – Ciclo de Documentários Musicais (Livraria Apolo)

Filmes previstos: *Joe Strummer - The Future Is Unwritten*, de Julien Temple; *One Plus One*, de Jean-Luc Godard; *Movimentos Perpétuos*, de Edgar Pêra; *Soundwalkers*, de Raquel Castro.

Vivências Reflexivas

Em *End of the Rainbow*, documentário realizado pelo Robert Nugent, num primeiro momento somos transportados para a Indonésia, onde se procede ao desmantelamento das infra-estruturas de uma companhia multinacional da indústria mineira. Esta empresa está num processo de deslocalização para uma região remota da Guiné Conakry, marcada por uma economia de subsistência, com forte ligação à agricultura e à exploração de um minério cuja existência é apreciada nos mercados internacionais - o

ouro. Convém no entanto salientar que a população, embora já possuísse ligação com o minério, fazia a sua extracção por processos marcadamente comunitários e artesanais, ou se assim o entendermos, em pequena escala.

A implementação da empresa multinacional, se por um lado é encarada como progresso e carrega em si, do ponto de vista das representações sociais e das expectativas dos indivíduos, um marco importante no que respeita à vivência; por outro lado é portadora de mecanismos que obrigam à reorganização social

na comunidade onde se instala, e neste sentido é imbuída de conflito e processos negociais. Aliás, os testemunhos são inquietantes, uma vez que nos deparamos com situações de luta pela sobrevivência e de desespero, sem que no entanto os ritmos africanos deixem de estar presentes, contendo em si mensagens dos antepassados, preocupações do presente e desejos e esperanças projectadas no futuro. O xamã, os trabalhadores, as mulheres, as crianças, todos são confrontados com a construção de infra-estruturas que impossibilitam a reprodução económica

local, agudizando situações de pobreza e obrigando à redefinição de papéis sociais (em que as mulheres passam também a procurar ouro nas minas como forma de colmatar as dificuldades diárias de sobrevivência). O monopólio dos espaços «ricos», o comércio em pequena escala do minério valorizado e cada vez mais escasso, a necessidade de sobreviver, obriga estes Humanos a contornar a normatividade. E é neste contexto que surgem o exército nacional, soldados e generais representantes do Estado. Surgem para controlar os insurrectos, que

Sombra



João Lourenço

ousaram ultrapassar os obstáculos e muros construídos. Todos são encaixotados e castigados em nome da defesa de interesses da esfera privada.

É o desenvolvimento, é a o crescimento, é o progresso, alguns dirão. A questão é: para quem? Em que medida é que as práticas de governação e o Estado-Nação constituído pelos cidadãos assegura o bem-estar dos mesmos, quando se encontra, não raras vezes, dependente de fundos monetários externos e protocolos internacionais envolvendo processos de negociação onde o poder de negociar se encontra enviesado, estando latente a promiscuidade com interesses privados?

O xamã fala com o espírito, sorri e encara a realidade com serenidade. Mas eu não pude deixar de me sentir impotente perante mecanismos de coerção e processos tão inacessíveis para um pobre cidadão comum que vive aqui em Portugal, e que não obstante a «crise económica», tem acesso a condições vitais de existência e possui uma panóplia de opções e escolhas no seu quotidiano. Há quem diga que é preferível a ignorância – “Ignorância é felicidade”. Pois eu sustento que prefiro ser mais infeliz, mas ter consciência do mundo em que vivo. O nosso bem-estar não deve ser apanágio da despreocupação e desinteresse pelo bem-es-

tar dos outros. É através dos «outros», e do «outro» que nós tomamos consciência de nós próprios. É nas negociações quotidianas que nós, como cidadãos reflexivos, podemos efectivamente fazer a diferença. É através na expressão prática dos nossos pensamentos que aplicamos a utopia, definida como, citando Anatole France, o “princípio de todo o progresso e um ensaio preparatório para um futuro melhor”.

Joana Santos

P.S: O documentário aqui em questão viria a ganhar o prémio para a melhor longa-metragem do DocLisboa 2008.

“Virar a página” e projectar a próxima década



PERSPECTIVAS (2)

Há dez anos, talvez pela realidade

da cidade nova que ficava a dois passos de casa, na hora de decidir a mudança de parte da minha actividade profissional, escolhi Oliveira do Hospital para um novo porto de abrigo, que baptizei de “Ritual Bar”.

Havia, na cidade, comércio de razoável qualidade, a Eptoliva era uma referência como escola profissional, a cidade crescia a olhos vistos para os lados e para cima, fazendo por merecer o sonho de César de Oliveira quando liderou os destinos do Concelho.

Por essa altura nasceu a OHs.21 – Associação Cultural e Multimédia de Oliveira do Hospital. Paulatinamente, cresceu quase ao mesmo ritmo do “Ritual” – espaço onde o negócio dos “copos” era pretexto para encontros de amigos e local de tertúlia. Com toda a naturalidade, a aproximação à OHs.21 fez-se pela via mais lógica. Recordo a primeira “Agirarte” e a partir de então, durante nove anos, não tiveram conta as acções que ali foram desenvolvidas em prol da Cultura: música, poesia, exposições de pintura, debates...

O “Ritual”, na verdade, foi a concretização de um projecto pensado (quase) nos mesmos moldes da OHs.21; a simbiose era perfeita, por isso posso testemunhar o percurso da Associação, partilhando com orgulho muitos dos momentos felizes e outros de menor fulgor, mas nem por isso menos importantes na vida associativa da comunidade pelos ensinamentos que, juntos, fomos registando.

A OHs.21 pode não cumprir (ainda) todos os objectivos para que foi criada pelo facto dos seus dirigentes e associados não conseguirem disponibilizar algum do seu tempo livre – nunca pela falta de empenho em fazer mais e melhor. E se possível diferente, ao encontro de apetências culturais absorvidas noutras vivências cosmopolitas.

Com a implantação do Ensino Superior em Oliveira do Hospital, dir-se-ia que poderiam surgir novos movimentos culturais na cidade, o que não aconteceu, de forma visível e prática (à excepção das Tunas, masculina e feminina). Existe, portanto, um campo de acção onde pode ser desenvolvido trabalho meritório, com benefícios imagináveis para a população, que continua pobre nas alternativas aos momentos lúdicos que lhe são propostos.

A Associação de Estudantes da ESTGOH tem na pessoa colectiva da OHs.21 o parceiro ideal para novas iniciativas – e vice-versa! – se para tanto existir de ambas as partes algum empenho nesse sentido. Fica o espírito da ideia...

Dez anos de vida, para a OHs.21, significa “virar a página” e projectar a próxima década com o mesmo arrojo deste tempo que agora se comemora.

No mínimo, é o que se deseja!

Carlos Alberto

3 PISTAS

Verdade, Humildade
e Solidariedade

UPA!

Poesia Animada



Num momento em que vivemos a maior crise financeira desde a crise dos anos trinta que, segundo os mais diversos analistas, foi provocada por muita ganância, lucros e remunerações obscenas, ausência da noção de limites, e ainda falta de ética e de regulação, o mercado dos livros já está a ser invadido por pacotes de obras que se esforçam por explicar as razões da crise, formas de a evitar e ainda fórmulas mágicas de como ganhar algo com ela.

Nesta catadupa editorial não se deve incluir, de todo, o livro de João Ermida.

Este ex-gestor de topo de um dos maiores e melhores bancos mundiais, o Santander, resolveu contar em livro as razões que o levaram a abandonar o seu empregador e uma remuneração fantástica que só em prémios anuais era superior a um milhão de euros.

É um livro autêntico, que se lê muito bem, no qual o autor relata o seu drama pessoal resultante de uma doença que se deixava ver em ataques de pânico regulares e que, ainda assim, foram mantidos em silêncio durante dez anos, apesar da crescente degradação da sua vida pessoal e profissional. O financeiro conta igualmente, de forma directa, os bastidores da sua anterior vida e as razões porque fugiu de um mundo que define como desprovido de valores e com o qual, em definitivo, não conseguiu mais conviver.

O livro foi editado em Setembro que, coincidência cinematográfica, foi também o mês do deflagrar do flagelo da derrocada financeira que colocou o planeta em verdadeiro sobressalto. Sem querer, João Ermida terá dado a conhecer algumas das relevantes causas que explicam o descalabro financeiro, no exacto momento em que este se mostrou ao mundo: a falta de Verdade, a falta de Humildade e a falta de Solidariedade.

Estes valores, que enchem a capa do livro por exigência contratual do autor, são motivação maior: para a actual vida que ele leva e para a leitura da obra que escreveu. Obrigatória. Para todos.

Vitor Neves

Verdade, Humildade & Solidariedade - O método dos executivos do futuro,
João Ermida, Publicações Dom Quixote 2008



Este texto poderia ter começado a ser escrito há dez meses. Foi nessa altura que se começou a ouvir nas rádios o refrão "O meu nome é João e vivo ao teu lado..." pela inconfundível voz de Tim, dos Xutos e Pontapés. Na altura, poucos se terão apercebido que nesse tema os decanos do rock português tinham a companhia dos OIOAI e que *Pertencer* era apenas o primeiro de uma série de dez temas da autoria de 10 duplas de músicos portugueses Unidos Para Ajudar a combater o estigma associado às doenças mentais.

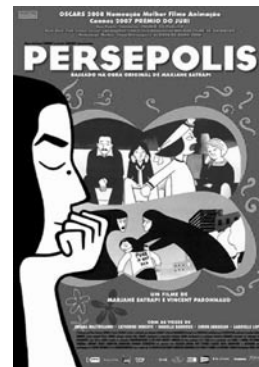
Mas este texto só agora está a ser escrito. Porque o projecto inicial de apoio à campanha anti estigma promovida pela Encontrar-se previa a edição mensal de cada um dos 10 temas na internet com a descarga a ser feita contra a entrega de um donativo. Chegados a Novembro, todos os temas são finalmente conhecidos, e a colecção foi reunida num CD e num DVD que junta, além das músicas, as ilustrações, clips e entrevistas que acompanharam cada lançamento.

O projecto proporcionou a formação de algumas duplas interessantes, umas "naturais" outras improváveis, algumas perfeitas, outras menos conseguidas. Em *Bipolar*, os Mesa voltam a encontrar Rui Reininho e o casamento funciona de novo (já tinham colaborado em *Luz Vaga*, do 1.º álbum do grupo). Para além do GNR, só mesmo João Pedro Coimbra se lembraria de pôr "bipolares" a rimar com "Poiases". Os Dead Combo confirmam a sua faceta de fado canalha e juntam-se a Camané para *Vendaval*. Os Mão Morta encontram finalmente José Mário Branco (esteve prevista a participação do cantor de intervenção em *Primavera de Destroços*, de 2001, que não chegou a ocorrer) e assinam o excelente *Loucura*. Em *Alguém me ouviu (mantém-te firme)* Boss AC mostra que tanto sabe escrever letras para rapar como para cantar e proporciona, com Mariza, um dos momentos altos desta colecção e um exemplo de *affair* perfeito entre o hip hop e o fado, para colocar ao lado de *Viva!*, gravado por Sam The Kid há uns anos. *O Rei Vai Nú*, de Sérgio Godinho e Xana, podia ser retirado de *O Irmão do Meio*, o disco onde Sérgio emparceirou com toda a geração de músicos que se lhe seguiu. E por aí além...

A colecção vale a pena e pode ser adquirida em CD, DVD ou via download. Mas a pagar. O objectivo é nobre e merece o contributo de cada um.

Artur Abreu

Unidos Para Ajudar, vários artistas, 2008



Marji é uma menina de 9 anos, inteligente e criativa, que cresce num país como o Irão e assiste à Revolução Islâmica, que deita abaixo o grande Xá, filho de um imperador, que vende o seu petróleo aos ingleses por uma coroa. Os fundamentalistas tomam o poder e destroem a esperança de liberdade de um povo, obrigando as mulheres a usarem o véu e vestes que cobrem todo o corpo, matando e aprisionando milhares de pessoas a favor do liberalismo nacional.

As crianças são ensinadas, com vista a idolatram todo o regime em vigor, mas Marjane (Marji) é uma criança cheia de convicções que se vai refugiando na música ocidental, do género Iron Maiden, forte e revoltada. Enfrenta mulheres devotas à tirania e que fazem parte do chamado comité, onde as pessoas são julgadas por actos, considerados de afrontamento e atentado ao pudor.

A guerra Iraque-Irão começa no início dos anos 1980 e Marjane parte para Viena de Áustria, ainda adolescente, onde vai terminar os estudos, enfrentando uma série de adversidades, regressando mais tarde ao seu país de origem, com uma depressão profunda.

Persépolis é um filme de animação baseado na banda desenhada com o mesmo nome da autoria de Marjane Satrapi, e segue o pendor auto-biográfico da obra de origem. Por ser uma animação, o seu argumento consegue adaptar-se e ser coerente com a realidade, tornando o filme mais leve, mais singelo e inocente, como uma criança, que é Marji. Se assim não fosse, talvez este filme tivesse sido conotado como étnico, de índole mais pesada e violenta. Afinal, uma ditadura é sempre uma ditadura, independentemente do lugar onde se instala.

Persépolis é fascinante... os desenhos que mostram as personagens foram criados de uma forma tão expressiva, que envolve qualquer espectador numa poesia animada, num mundo impiedoso e irónico, mas terno, aos olhos de uma criança que cresce numa sociedade que não se encaixa na sua personalidade e, ao procurar uma identificação fora do seu país, acaba por ser confundida com a religião extremista, facto ao qual se habitua, para mais tarde ser aceite como pessoa humana e com todo o direito ao amor.

Ana Sales

Persépolis, de Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud, 2007, edição DVD

BREVES CULTURAIS
SEMPRE ACTUAIS

Pina Martins venceu primeiro prémio Pedro Hispano. A distinção, no valor de 7500 euros, foi atribuída pela Academia que lhe dá o nome e pretende distinguir personalidades que se tenham distinguido na área da cultura. Professor em diversas universidades internacionais e portuguesas desde 1949 e um dos maiores investigadores e conhecedores portugueses do Humanismo Renascentista, o académico, de 88 anos, é natural de Penalva de Alva e patrono da recém inaugurada biblioteca local. A cerimónia de entrega do prémio decorreu no Casino da Figueira da Foz, no dia 21 de Novembro.

Byblos encerrou portas ao fim de 11 meses. A maior livraria do país, inaugurada em 13 de Dezembro de 2007 na presença da então Ministra da Cultura, estava localizada num edifício nas Amoreiras e disponibilizava 150 mil títulos numa área de 3.300 metros

quadrados. Dispunha ainda de um sofisticado sistema de identificação por radiofrequência que foi pioneiro a nível mundial. Os resultados financeiros ditaram o encerramento, estando a ser equacionada a venda da livraria a um grupo económico do sector.

Os Filhos da Meia-noite vai passar ao cinema. A adaptação está a cargo da realizadora Deepa Mehta, que contará com a colaboração do próprio Salman Rushdie na escrita do argumento. O livro recebeu o Booker Prize em 1981 e foi escolhido recentemente como o melhor de todos os romances distinguidos com este prestigioso prémio. A estreia do filme está prevista para 2010.

Wild Field vence o Estoril Film Festival. O filme do russo Mikhail Kalatozishvili arrecadou o prémio de Melhor Filme, no valor de 20 mil euros, colhendo a unanimidade

de de um júri presidido pelo escritor Paul Auster e de que faziam ainda parte o Nobel da Literatura J.M. Coetzee, Catherine Deneuve, Cristina Iglesias e Julião Sarmento. O Prémio Especial do Júri foi entregue ex-aequo aos filmes *Involuntary*, do sueco Ruben Ostlund, e *Hooked*, do romeno Adrian Sitaru. O terceiro galardão, o Prémio Cine-Europa, foi para *Schultes*, do russo Bakur Bakuradze. Ao longo de nove dias, o festival recebeu a visita de 20 mil espectadores.

Casa Manoel de Oliveira vai receber espólio do cineasta. A decisão resulta de um acordo entre a Câmara Municipal do Porto, a Fundação de Serralves e o Ministério da Cultura no âmbito do qual a autarquia cede a Casa Manoel de Oliveira para a instalação do espólio do realizador português, que será gerido pela Fundação de Serralves. O entendimento permitirá que a cerimónia possa decorrer

no quadro das comemorações do centenário de Manoel de Oliveira, que se assinala em Dezembro.

Mickey celebrou 80 anos. O rato com o par de orelhas mais iconográfico da animação mundial foi imaginado por Walt Disney e desenhado por Ub Iwerks e apareceu em público pela primeira vez a 18 de Novembro de 1928, em Nova Iorque, quando foi exibido o primeiro filme de animação sonorizado, *Steamboat Willie*, uma paródia a um filme de Buster Keaton que dá a conhecer um pequeno roedor preto, de calções e sapatos.

Colecção Berardo recebe 70.000 visitantes no primeiro mês em Paris. A exposição *De Miró a Warhol - A Colecção Berardo em Paris*, abriu a 16 de Outubro no Museu do Luxemburgo, na capital francesa. É a primeira grande exposição do acervo do Museu Colecção Berardo realizada fora do país, com

75 obras de artistas portugueses e estrangeiros e que irá prolongar-se até 22 de Fevereiro de 2009.

Frei Fado D'El Rei vencem Prémio José Afonso 2008. O galardão é atribuído anualmente pela Câmara da Amadora e distinguiu o álbum *Senhor Poeta - Um tributo a José Afonso*. A distinção dada ao quarto trabalho de longa duração do grupo portuense foi decidida por unanimidade do júri.

Obras completas de Shakespeare completaram 12 anos em cena. Trata-se da peça de teatro *As obras completas de William Shakespeare em 97 minutos*, que a Companhia Teatral do Chiado tem em cena desde 24 de Novembro de 1996, o que a torna na de maior longevidade nos palcos portugueses. O texto apresenta uma condensação a alta velocidade de 37 obras do dramaturgo inglês, incluindo tragédias, comédias, peças históricas e sonetos. Desde a sua estreia, a peça acolheu 191 mil espectadores, realizou 150 digressões e apresentou 1250 sessões.